

Trajetórias de uma ciência encantada: os “melhoramentos” de Warwick Estevam Kerr

Josianne Cerasoli

Instituto de História

Tenho de me recuperar, desdeslembrar-me, excogitar – que sei? – das camadas angustiosas do olvido. Como vivi e mudei, o passado mudou também. Se eu conseguir retomá-lo.

João Guimarães Rosa

Questão de sorte, o sortilégio...

“[...] é sobre aquele professor da genética? Como se escreve: Kerr? É brasileiro?” Não por acaso, logo percebemos, foram essas perguntas elementares as primeiras neste itinerário. Nossos novatos estagiários ante-

viam, por essa simplicidade dos inícios, algo que se repetiria ao longo de toda a pesquisa. É difícil encontrar, entre aqueles que vivenciam o cotidiano da universidade em Uberlândia, alguém que nunca tenha ouvido falar do professor Kerr. Um falar que se ouve impreciso, muitas vezes, mas que testemunha uma presença, um lugar, um reconhecimento. Diz-se algo sobre as “abelhas do professor”, a “as sementes de alface super-vitaminada”, a façanha do “pequi sem espinhos”... Vislumbra-se a compleição de um pesquisador singular, célebre. Imagina-se. Ao mesmo tempo, pouco se responde sobre as mais corriqueiras e simples questões. “Ele trabalha na UFU ainda hoje?” Conhecido, reconhecido, desconhecido. A conchecença, nesse caso, deixou-nos a tarefa de explorar ainda mais os indícios, de preencher com cores vivas o que nos apareceu com opacidade, de precisar o dizer e o ouvir, solto nessa percepção.

Tateando documentos e impressões, em pouco tempo, reunimos tal quantidade de dados que foi quase obrigatório o nome que adotamos para as informações pesquisadas: Dossiê Kerr. Buscamos com ele os fios da presença do pesquisador, do professor, da pessoa, do cientista. Um dos estagiários arriscou uma tradução para os indícios então desvelados no dossiê: “se quando evocamos os cientistas temos a sensação de estarmos em face de bisturis, cálculos impessoais e corações gélidos, a figura do professor Kerr deixa-nos um pouco embaraçados¹.” A expectativa prévia, desprevenida das nuances dos percursos desse professor, não resiste aos traços humanistas de sua formação, “caboclo inquieto” guiado por uma ciência consciente, engajada; logo desembaraça-se nos registros do dossiê, indicativos de uma trajetória conscienciosa, conseqüente, forte, obstinada até. Quando há cerca de duas décadas o professor Warwick Estevam Kerr transferiu-se para o Departamento (hoje Instituto) de Genética e Bioquímica da UFU, em 1988, há muito havia consolidado esse caminho. Chegava já como alguém que vencera, com firmeza e criatividade, numerosos desafios. Entre eles, assumir a tarefa de implantar laboratórios e grupos de pesquisa nas instituições em que atuou – talvez mais que fixá-los, ele os havia *semeado*, em Piracicaba, Rio Claro, Ribeirão Preto, no estado de São Paulo, em Manaus, no Amazonas, São Luís, no Maranhão, e em Uberlândia. Mas o desafio, agora, tornara-se nosso: contar sobre esse caminho, dizer dos vestígios desse percurso, trazer à tona os fragmentos, atualizados e tantas vezes revisitados pela memória.

Não queríamos redizer os itinerários de seus passos ou os marcos de uma trajetória profissional. Mais que isso – menos que isso? –, decidimos visitar aqui sua reconhecença: aquilo que o faz conhecido, reconhecido; o que o torna destacado, homenageado entre os profissionais da universidade, não só em Uberlândia. Prontamente, soubemos estar diante de uma ambivalência incontornável: ao mesmo tempo significativa como representante de percursos até certo ponto comuns em uma universidade em formação, a presença de Kerr entre os professores e pesquisadores da UFU não deixara de ser, um momento sequer, singular e especial. Por um lado, é corriqueiro encontrar entre os professores universitários alguém, como ele, formado em outras escolas e que ao chegar agrega pesquisas consolidadas e reconhecidas, ampliando-as, abarcando novos pesquisadores, formando novos interesses de pesquisa... Pouco usual, porém, é o amplo e iterado reconhecimento em torno de suas ações no campo da ciência dentro e fora da comunidade acadêmica. Privilégio? Como diz o próprio Kerr, em pesquisa científica é preciso contar também com um pouco de sorte. Acaso feliz, contingência favorável e... sortilégio. Sortilégio do professor Kerr, tal um dote natural que exerce atração, fascinação. Pudemos nos embrenhar durante vários meses por entre indícios, pistas, rastros, sinais claros de uma substância vivida, testemunhos, até. Na esteira deixada pelo seu passar, reunimos relatos biográficos, notas de reconhecimento do mérito científico, narrativas advindas do cotidiano, impressões – oficiais e outras –, entrevistas abundantes, discursos solenes, homenagens, sobretudo. Homenagens numerosas, quase sempre registradas em longas atas... Sem dúvida estávamos diante de um percurso singular, de uma substância única.

Aparições do passado, do presente

Em uma manhã de céu claro e azul, quente como tantas no cerrado mineiro, o professor Kerr nos recebe em sua casa para uma conversa. No entorno, um quintal pulsante, feito um laboratório plenamente ativo: flores, cores, árvores, arbustos, frutos, hortaliças e... abelhas, muitas abelhas. Vivaz e preciso mesmo entre os meneios dos descansos da memória, às vésperas de completar 86 anos de vida, Kerr não deixa de frisar a todo o momento um passo fundamental da trajetória de sua existência:

ter encontrado sua esposa Lygia, em Piracicaba, no interior do estado de São Paulo. Não que se desfaça de todo o reconhecidíssimo percurso acadêmico e científico, formalmente iniciado na mesma cidade, na qual se graduou agrônomo em 1945 e onde obteve o título de doutor em genética animal, três anos depois, ambos pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, a ESALQ². Mas ao falar de suas decisões ao longo da vida, é sempre a esta que retorna, como quem reconhece, com gratidão, um passo bem dado: “casei-me com uma mulher bela e inteligente”. Lygia Sansigolo Kerr – “descendente de italianos, nem precisa dizer: Sansigolo!”, nos conta – chega para a conversa com delicada presteza: “o que você precisa... não se lembra?” Ele sorri, largo, e revela sem disfarçar: “minha mulher é a memória que eu tenho, ela sabe tudo”. Lygia sugere que ele nos conte algo pontual sobre suas pesquisas. Kerr, reconfortado com a presença da esposa, ainda sorri e acrescenta: “Eu digo para os meus filhos: se vocês pegarem a memória da mãe e a criatividade do pai, vocês serão ótimos cientistas”. Pacientemente, vão desenrolando, narrando passagens de mais de seis décadas juntos.

É ele quem quer nos contar sobre os sete filhos do casal: Florence, Lucy, Américo, Jacira, Lígia Regina, Tânia, Hélio Augusto. “Florence é médica e tem doutoramento em Botucatu; Lucy é a melhor ultrassonografista brasileira, [...] quando se fala em ultrassonografia, é com ela que se fala; o Américo é professor de física na USP; a Jacira é doutora também...”, continua, enumerando-os com indisfarçável orgulho: “todos inteligentes!” Ambos sorriem quando perguntamos se foram os filhos também planos de melhoramento genético³. A lembrança da morte do filho mais novo, Hélio Augusto, é persistente na fala do professor, quase sempre interrompe o que nos conta sobre os filhos. Instigada pelo sentimento, é uma lembrança muito presente, e retorna como que a apagar qualquer dimensão linear de tempo: “morreu ano passado... era brilhante!” No *Jornal da Ciência*, órgão de divulgação científica da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC, encontramos arquivada a nota de falecimento do filho do geneticista, em 2005. A despeito do profundo pesar, nos mostram fotos de toda família, como que recomposta, de novo dizendo da herança “científica” da família.

Juntos, também, percorreram todas as cidades em que Kerr se dedicou a seus estudos: Piracicaba, Rio Claro, Ribeirão Preto, Manaus, São

Luís, Uberlândia, ainda duas passagens pelos Estados Unidos. “Para fora do Brasil, eu fui como professor visitante, dava aula e tomava aula daquilo que eu queria melhorar”, nos diz Kerr. Na conversa, é Lygia que se adianta em precisar os deslocamentos, as datas: “sua primeira vez nos Estados Unidos foi em 1951, após o doutoramento”. Da trajetória profissional de Kerr sabemos de importantes iniciativas, sobretudo voltadas à pesquisa: depois de permanecer como docente e pesquisador da ESALQ entre 1952 e 1958, fundou e organizou o Departamento de Biologia da então recém implantada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, hoje integrante da Unesp; organizou e chefiou o Departamento de Genética da Faculdade de Medicina da USP, em Ribeirão Preto (1964), implantou o curso de Pós-graduação em Genética, que coordenou entre 1970 e 1975, na mesma instituição; coordenou o programa de Pós-graduação do Departamento de Biologia da Universidade Federal do Maranhão, entre 1981 e 1987, e depois se tornou professor do então Departamento de Genética e Bioquímica, na Universidade Federal de Uberlândia – nessas duas instituições já como professor aposentado, colaborador. “Onde não tinha nada, ele fez tudo”, esclarece Lygia. Foi ainda o primeiro diretor científico da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, de 1962 a 1964, presidente da SBPC em dois mandatos, entre 1969 e 1973, e por duas vezes diretor do Instituto Nacional de Pesquisas para a Amazônia – INPA, de 1975 a 1979, e de 1999 a 2001. Sobre a primeira gestão no INPA, nos conta, sorrindo: “Quando eu cheguei, eu me lembro que fiz uma piada: [...] como eles não tinham pesquisador nenhum, eu falei que agora todos os pesquisadores do centro de pesquisa estavam reunidos naquela mesa. Só tinha eu! [sorri] Em um ano, já tinha sessenta!⁴” E nos confidencia os atalhos dessa proeza: “trabalhando!” Não tem dúvidas de que ser conhecido e reconhecido tornou mais fácil esse processo. “Quando eu faço um pedido, eles sempre mandam alguém auxiliar, então foi muito importante o fato de eu já ser famoso quando eu fui pra Manaus. Foi uma benção ir pra Manaus, nós criamos lá um instituto de pesquisa que hoje é... quando se fala dos grandes institutos de pesquisa, Manaus está no meio”. Lygia registra ainda a continuidade da presença do marido no Amazonas, contando-nos que na segunda vez à frente do INPA deixou uma ex-aluna na direção do “maior instituto de abelhas sem ferrão do mundo.⁵” Kerr completa com satisfação incontida: “o prédio se chama Lygia Kerr”. E novamente sorri.

Não há dúvidas de que, entre os trabalhos do agrônomo e geneticista no campo da biologia, os estudos sobre as abelhas sem ferrão são aqueles que o projetam ainda hoje entre os quadros científicos também internacionais, mesmo considerando outros importantes trabalhos ligados ao melhoramento genético de hortícolas e frutícolas. “Eu trabalhei desde os oito anos com abelha, meu pai me deu uma colméia de abelhas sem ferrão.” Pelos trabalhos com esse gênero de abelhas, Warwick Kerr é considerado um dos maiores especialistas em genética de abelhas do mundo. Desde os estudos desenvolvidos na ESALQ, na década de 1940, ficou conhecido internacionalmente pelo trabalho inédito sobre a determinação de castas em abelhas do gênero *Melípona*, sem ferrão. Também a paixão do estudioso pelo trabalho com as abelhas se evidencia a cada esclarecimento, a cada comentário. Justifica a criação do Instituto de Abelhas na Amazônia por pensar que “a abelha é a coisa mais importante, porque ela faz polinização das nossas matas.” A numerosa presença de espécies de abelhas sem ferrão no Brasil revigora seu argumento: “o gênero *Melípona* tem umas 200 espécies, é o mais importante gênero de abelhas brasileiras.” Alguns anos atrás, em entrevista ao *Jornal da Unicamp*, relacionava a experiência ao trabalho com indígenas:

[...] trata-se da introdução de abelhas meliponidas – com toda a técnica de como criar e reproduzi-la – em aldeias de três etnias: Ticuna, Mura e Cocama. Foi um enorme sucesso. Todos os grupos, localizados no Amazonas, têm hoje mais de cem colméias e sabem o que fazer com aquilo. Todos eles lucram economicamente e a fauna, ecologicamente⁶.

Entre seus principais trabalhos com abelhas, está também a introdução no Brasil da abelha africana, em 1956. “Trabalhei com a abelha sem ferrão no começo, e depois comecei a trabalhar com a africana também.” Ao longo dessa experiência, desenvolveu um novo tipo de espécie de abelha, denominada “africanizada”, feita por meio de um híbrido das espécies européia e africana, mais dócil e grande produtora de mel, selecionada por nosso ambiente e nossos cientistas. “Eu fui para a África, trouxe a abelha africanizada e tive o cuidado de não soltá-la pura aqui no Brasil. Então, a gente só soltou a rainha que era cruzada com as italianas, se não a gente ia soltar uma abelha que ia contaminar demais.” Longe de ser simples, esse

processo acarretou dissabores às pesquisas de Kerr durante alguns anos, quando 26 rainhas, segundo nos conta, fugiram por erros de manejo.

De 1957 até 1964 essas abelhas cruzaram-se com as alemãs, italianas e portuguesas. Porém, houve um grande problema: os apicultores colocavam seus apiários próximos aos galinheiros, pocilgas, cocheiras. Houve mortes de galinhas, porcos, cavalos, e a mortalidade de gente que era 120 por ano passou para 180. O grupo de Ribeirão Preto (Kerr, Lionel, Stort, vários alunos, três técnicos e mais tarde David de Jong e Ademilson Espencer Soares) conseguiu desenvolver várias técnicas, algumas muito simples, para controlar a exploração econômica dessas abelhas [...]. Porém, um avanço fundamental foi dado em 1965 e 1966 com a diminuição da agressividade das abelhas, o que era um grande problema⁷.

Foram mais cinco anos até que o problema estivesse plenamente solucionado e pudesse, efetivamente, considerar-se a introdução das africanizadas uma importante contribuição para a apicultura brasileira. “Diante do erro cometido com as abelhas africanas, em 1957, eu não esperava que iria dar a volta por cima. Pensava que teria uma vida desgraçada para o resto dos meus dias⁸.” Hoje, conversa sobre a questão com a mesma convicção e naturalidade com que nos explica, em detalhes, as formas de comunicação das abelhas, enquanto acompanha o vôo de algumas delas, diante de nós.

Até 1978, as mulheres franziam a testa, mostravam-me para os filhos e diziam: “aquele é o homem que introduziu a abelha brava no Brasil”. De 1979 em diante, porém, tudo mudou. Passaram a tirar fotografias minhas e falavam: “esse é o homem que salvou nossa apicultura”⁹.

No entanto, é a especialidade sempre renovada de Kerr, revisitada desde os inícios de suas pesquisas – as abelhas sem ferrão – que volta ao centro das atenções nesse encontro. São centenas de estudos publicados e dezenas de trabalhos orientados sobre o gênero *Melipona*, com extensas contribuições na área de biologia e genética das abelhas, sobre citologia, genética da formação do sexo e da formação das castas, melhoramento e evolução das abelhas. Ana Maria Bonetti, docente do Instituto de Genética e Bioquímica da UFU, é uma das professoras e pesquisadoras que, desde a década de 1980, acompanha esses estudos, como orientanda e colaboradora¹⁰. Warwick e Lygia lhe reservam grande apreço. Foi ela uma das respon-

sáveis pelo convite que os trouxe para Uberlândia, há cerca de vinte anos. No Laboratório de Genética, em setembro último, Ana Bonetti entregou a Kerr uma homenagem, lida por ele com grata emoção:

Você sabe o que é um Cientista brilhante? Um Pesquisador nato? Um Educador em tempo integral? E, além disso, um ser humano humilde, íntegro, imparcial? Se não sabe, aproxime-se do Dr. Kerr e, em pouco tempo, terá a sua resposta. Um homem de grandes idéias, compartilhadas com todos; uma estrela que iluminou e ilumina muitos caminhos; uma verdadeira lição de Ciência e de Vida.

Ampla e afetuosa, a homenagem é significativa para entendermos os percursos de Kerr também na UFU. Em 1992, no então Departamento de Genética e Bioquímica, o Dr. Warwick Estevam Kerr dá início à discussão para se criar a Pós-Graduação em Genética e Bioquímica. Os registros oficiais sobre a criação do programa apontam a relevância do experiente pesquisador na condução dessas discussões, organizadas a partir destas perguntas fundantes: “que universidade nós queremos? Que pesquisa e que pós-graduação desejamos implementar?” Julgou-se então imprescindível considerar o duplo papel dessas áreas em nossa sociedade: o papel científico – que “busca conhecer, compreender explicar e/ou indicar caminhos dentro dos diversos fenômenos que constituem as manifestações e interações da vida” – e o papel político – “que trata de modificar não só a realidade concreta, mas a partir de suas descobertas, inovações e proposições, apresenta um constante repensar dos valores e paradigmas sociais, alterando a percepção e a consciência que a sociedade tem de si mesma, possibilitando assim, as mudanças necessárias¹¹.”

Necessário, polêmico, ético, essencial

Em várias passagens, nestas e em outras entrevistas de Kerr ao longo da vida, destacou ele um traço constante em suas condutas: “sou um velho socialista”. Narra, com brevidade, sua passagem como vereador pelo Partido Socialista Brasileiro, em Piracicaba; apresenta suas preocupações com a missão social do conhecimento científico; expõe, sem meneios, suas posições polêmicas em relação à própria ciência e o papel do cientista na

sociedade; cobra, de si mesmo, uma posição crítica atual e atuante em relação aos rumos da universidade, da sociedade e, mais uma vez, arremata: “sou um velho socialista que não controla a língua”.

Hoje, é um dos oito presidentes de honra da SBPC – entidade que preza, respeita, recomenda aos pesquisadores todos: “é a maior associação de cientistas brasileiros”. Quando precisaram de um “briguento” na presidência, nos conta, os colegas disseram: “ah!, tem que ser o Kerr”. Na época em que presidiu a entidade, sob o regime ditatorial de militares no país, foi preciso apoiar-se em claros valores, com firmeza e criatividade. “Brigamos porque tinha que brigar! E de vez em quando eu tinha que sair do país, então eu arranjava um convite [...]”. Em artigo sobre os tempos de exílio do sociólogo Florestan Fernandes, nessa mesma época, Heloísa Fernandes Silveira ressalta o caráter controverso das situações então vivenciadas: a legalidade passava a ser criminosa, a lei tornava-se impostura, o que era digno tornava-se ilegal e subversivo. Narra, então, sobre casos como aquele vivido pelo professor Kerr, ainda em 1964, quando ele trabalhava em Rio Claro e esteve preso junto com Florestan. Na ocasião, este comentava sobre a tristeza de sua filha Myrian Lúcia ao saber da prisão do pai, e Kerr lhe dizia que, diferentemente, sua filha Jacira ficara muito orgulhosa. Explicou-lhe, então, que havia preparado os filhos já no dia 2 de abril, esclarecendo sobre a possibilidade “dos homens de bem, dos defensores dos pobres, dos operários, dos socialistas, serem presos e que, neste caso, eles deveriam ficar orgulhosos, e não tristes¹².” Reconhecia com Florestan que talvez tivesse exagerado, já que sua filha Jacira, então com cerca de 10 anos, teria até reunido as amiguinhas para dar a notícia da detenção do pai “subversivo”. O caráter anedótico da narrativa não oculta o conteúdo político premente naquele período, e a lembrança de Kerr por várias vezes visita as circunstâncias em que então se envolveu: “eu vi o sol nascer quadrado só três vezes, que eu fui para a cadeia mesmo. Mas nada por razões científicas, é por razões políticas mesmo: socialista nos tempos da ditadura vira comunista na hora”.

As tensões – e polêmicas – que põe em pauta não se restringem à política ou aos tempos “sombrios”. Quer falar sobre células-tronco, sobre biopirataria e patentes, sobre melhoramento genético... Posiciona-se, revigora-se. “Sou favorável ao uso de células-tronco, especialmente com aquelas que vão ser destruídas. Elas não serão usadas para fazer outras

peças, mas para salvar”. Sobre os usos da genética, sua área de atuação ao longo de toda a carreira: “o método de melhoramento dos vegetais e animais não deve ser impedido e sim bem controlado”. E apóia uma ética muito clara: “se for para preservar a saúde do brasileiro, eu também faço biopirataria¹³”. Discorda peremptoriamente do sistema de patentes, que para ele restringe e constrange o desenvolvimento científico e tecnológico. “Não entendo porque devo guardar só para mim aquilo que descobri, porque fui pago exatamente para fazer esse trabalho”. Na condição de pesquisador, não solicita patentes e difunde as sementes dos vegetais que pesquisa, junto com o pedido de que “façam suas próprias sementes a partir das minhas¹⁴”. Seguramente, o próprio Kerr teria aqui muito a dizer sobre cada uma dessas polêmicas, acrescentando dados, comentando situações e circunstâncias, esclarecendo ainda mais tão claras posições. Não nos cabe, porém, inferir sobre elas. Queremos, sim, manter abertos os espaços para pensarmos, quem sabe nos rastros do professor, o papel do conhecimento, da ciência, da universidade, do saber.

Muitas das descobertas foram fechadas às outras partes do mundo por grandes companhias, num controle artificial da produção científica. Eu sou a favor de uma abertura de todas as pesquisas, inclusive porque este é, em geral, o desejo dos cientistas¹⁵.

“Essa é a minha opinião” – arremata Kerr. Atualmente, continua suas pesquisas sobre o gênero *Melipona*, enfatizando estudos que potencializem a função polinizadora dessas abelhas. E trabalha, engajado, em estudos de melhoramentos genéticos que possibilitem o acréscimo vitamínico, sobretudo a partir de elementos comuns na alimentação do brasileiro¹⁶. Mais recentemente, a partir do conhecimento sobre a ocorrência de exemplares de pequi sem espinhos no caroço – elemento bastante popular na alimentação goiana e mineira –, Kerr mobilizou seus recursos de pesquisa para uma série de experiências com enxertos e mudas da planta: “vamos fazer uma coleção de pequizeiros de três espécies [...]. Vamos cruzar tudo isso para tentar obter pequis mais doces e sem espinhos. Viva a esperança!” Abelha sem ferrão..., pequi sem espinho..., arriscamos pensar a partir dessa imagem, como metáfora, com o professor Kerr: seria um estilo, um modo de ser do pesquisador, do professor, do cientista? Sem espinhos, sem ferrão. Warwick e Lygia sorriem. Relembrem algumas passagens, retomam um

pouco das experiências com os indígenas, Kerr volta às descrições sobre as abelhas... “Essa foi uma vida de trabalho duro!”

Novamente, é Lygia quem o incentiva a falar mais das pesquisas com abelhas, das descobertas sobre o pequi, sobre a Amazônia... Mas ele só a acompanha, com o olhar, acrescentando alguns comentários menos pontuais, como se prestasse atenção apenas aos gestos dela: “eu tenho uma admiradora” – sorri. Certamente tem muitos admiradores. Em todas essas passagens organizou também grupos de pesquisa e desenvolveu seus projetos que resultaram em amplo reconhecimento nacional e internacional, por órgãos governamentais, pela comunidade científica, pelos colegas. A lista de títulos e prêmios é extensa e variada: “tem medalha que não acaba mais”, nos diz Lygia, enquanto mostra um belo quadro em homenagem a Kerr, exposto na sala da casa. Primeiro Prêmio Nacional de Genética André Dreyfus (1956), Engenheiro Agrônomo do Ano (1979), Professor *Honoris Causa* da Universidade do Amazonas (1979) e da Unicamp (2005), Professor Emérito da Unesp (1983), Medalha Souza Andrade do Mérito Universitário no Grau Ouro (1988), Personalidade da Tecnologia e Meio Ambiente (1989), Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito Científico (1994), Comenda da Ordem Timbiras (1995), Comenda da Ordem Rio Branco (2001), Medalha Paulista do Mérito Científico (2001), Professor Emérito da USP e da UFU (2005), além de ter sido homenageado pelo INPA, pela Capes, pelo CNPq, como pesquisador emérito, entre outros, e do reconhecimento de seu trabalho nas atividades mesmas do meio científico: como membro do *Linnean Society of London* (mais antiga sociedade biológica, fundada em 1788) e primeiro membro estrangeiro eleito para a *National Academy of Science*, nos Estados Unidos. Perguntado sobre esse reconhecimento, o professor não sublinha a vaidade, mas declara decididamente, convicto: “o título mais importante foi o de professor titular da USP.” E explica, sorrindo: “aumentou o salário!” Retoma ares mais circunspectos e diretos, e acrescenta: “depois do título, achei que o estado de São Paulo tinha muito pesquisador bom e resolvi ir para outros lugares.”

Sobre a universidade, em vários momentos da vida, Kerr difundiu posições críticas, firmes, sempre favorável ao investimento responsável em educação, ciência, tecnologia. Sua trajetória profissional toda, pode-se dizer, tem sido um incontestável investimento em educação e ciência. Perguntamos sobre a universidade, ainda mais uma vez: “não tem outro jeito de uma universidade progredir a não ser por meio de seus professores e de seus alunos?”. Novamente sorriu quando arriscamos outra metáfora e perguntamos se ele se via como um polinizador, como as abelhas que tanto tem estudado; polinizador de laboratórios, de pesquisa... Ele disfarça. Em Uberlândia, afirma, não foi difícil trabalhar, pois gradualmente se foi “convocando um e outro”, às vezes com mais, outras com menos sorte. “Aqui, por exemplo, eu tive muita sorte de ter tido a Ana Bonetti...”, agradece, mais uma vez. E não manifesta qualquer dúvida sobre o papel do professor: ele tem o dever de “aumentar o nível intelectual dos seus alunos”. Algumas vezes, nos conta, aparece entre os alunos aquele que se destaca, um aluno brilhante, “e a gente tem que dar todas as condições para que ele use o brilhantismo que tem no cérebro”. Aos nossos olhos, o professor parece incansável, sempre disposto a incentivar, provocar, instigar: “o departamento [Instituto de Biologia] em geral vai bem, mais eu gostaria que tivesse mais doutores...”.

Sabe, a vida da gente tem várias facetas: as publicações, as pesquisas... e elas não terminam! A hora que terminar é que a gente já morreu. Então essa é uma face muito importante do mundo do cientista, quando ele morre, deixa inacabadas algumas pesquisas, às vezes algum aluno termina e publica. Como eu me sinto atualmente forte eu acho que vivo uns três anos ainda, eu estou com 86 anos, estou vivendo ainda, estou forte...

Fez questão de um passeio entre as plantas. Caminhando à frente, abrindo espaço entre as mais de oitenta espécies diferentes ao redor da casa, trazidas em grande parte por ele e plantadas em seu jardim, Kerr é novamente professor diante dos alunos. “Hei! Vamos! Se não vocês perdem a aula, eu estou dando aula aqui!” – chamando o grupo de estagiários e professores, que se reuniu para esta entrevista¹⁷. Mostra cada planta;

anima-se em nos apresentar a alface super-vitaminada; recomenda uma fruta diferente detalhando suas características e seus usos – “azedo, é boa para fazer suco” –; retira as pragas que se aninharam nos araçás; nos ensina os percursos das abelhas entre as centenas de flores do jardim: “eu planto para as abelhas [...] eu ainda planto coisas e nem sei se vou estar aqui quando elas crescerem. Eu continuo plantando coisas que vão dar daqui a quatro, dez anos, se estiver vivo eu ainda vou ver, se não outra pessoa verá”.

Nascido em Santana de Parnaíba, interior do estado de São Paulo, a nove de setembro de 1922, e diante de toda essa trajetória, perguntado se valeu a pena, responde sem titubear, enfático, com um comovente brilho nos olhos: “Muito! Eu acho que está funcionando. Gostei da vida!”

O pesquisador, o professor, a pessoa, o cientista... diante de nós com tamanha força, estranhamente nos leva de volta ao “caboclo inquieto”. Átivo e humilde, no mesmo ato, porque sabedor da vida, faz-nos então reconhecer, integralmente, no olhar e na firmeza da fala, os sinais muito claros de sua presença. No seu gosto pela vida, manifesto em toda a vida, conhecemos, reconhecemos o professor Kerr: “Gostei da vida!”

Notas

1 A frase que abre os levantamentos sobre o professor, registrados no “Dossiê Kerr”, é do graduando em Ciências Sociais Thiago Tavares Reis que, juntamente às graduandas Thalita Joana da Silva Gonzaga, da Filosofia, e Fernanda Silva Nogueira, da História, reuniu preciosos dados para se compor esta homenagem.

2 *Estudos sobre o gênero Melípona*, em tese desenvolvida sob orientação do professor alemão Friedrich Gustav Brieger, um dos pioneiros da genética no Brasil. Na mesma instituição, no ano seguinte, obteve o título de livre docente em Citologia e Genética.

3 Florence Kerr-Corrêa, livre-docente em psiquiatria, professora titular de psiquiatria na Faculdade de Medicina da Unesp, em Botucatu-SP; Lucy Kerr, especialista em ultrassonografia, coordenadora do Instituto Kerr e Sonimage, em São Paulo; Américo Adlai Franco Sansigolo Kerr, professor MS3 de física na USP; Jacira Kerr, odontóloga em Ribeirão Preto-SP; Lígia Regina Franco Sansigolo Kerr, professora de epidemiologia no Centro de Ciências da Saúde na Universidade Federal do Ceará; Tânia Kerr; Hélio Augusto Kerr, falecido em novembro de 2005.

4 Segundo narrativa da professora Maria Luiza Silveira Mello, registrada na *Ata da Assembleia Universitária Extraordinária da Universidade Estadual de Campinas para Outorga do Título de Doutor “Honoris Causa” ao Professor Doutor Warwick Estevam Kerr, dia 13 de dezembro de 2005*: “na

primeira gestão [o professor Kerr] reestruturou o INPA, dando-lhe um novo cunho, e coordenou o primeiro Curso de Pós-Graduação da instituição. Lá deixou sua marca incontestada, tendo assumido o Instituto em 1975 com dois doutores e dois mestres e o deixado com mais de 60 doutores e 52 mestres no seu quadro de 230 pesquisadores, além de quatro cursos de Pós-graduação em funcionamento.”

5 Gislene Carvalho, coordenadora do Grupo de Pesquisas de Abelhas do INPA.

6 Warwick Estevam Kerr entra na galeria dos Honoris Causa da Unicamp. *Jornal da Unicamp*. Campinas: Unicamp, 19-26/12/2005. O professor comenta a tese, então a ser defendida, de Alexandre Colleto sobre o tema.

7 Warwick Kerr: a Amazônia, os índios, as abelhas. Entrevista com Marco Antônio Coelho. *Estudos Avançados*. São Paulo: IEA-USP, v. 19, n. 53, jan-abr de 2005.

8 *Estudos Avançados*, jan-abr de 2005.

9 *Estudos Avançados*, jan-abr de 2005.

10 Estudou em seu mestrado, concluído em 1982, pela USP: *A ação do hormônio juvenil sobre a expressão gênica em Melipona*, sob orientação de Warwick Kerr.

11 Trechos registrados no histórico do Programa de Pós-graduação em Genética e Bioquímica da UFU, aprovado em 1994 (nível de mestrado) e em 1999 (doutorado). Disponível em: <http://www.cogeb.ufu.br/organiza/apresenta1.asp>. Acesso em: 28/08/2008.

12 Apud SILVEIRA, Heloísa Fernandes. Chaves do exílio e portas da esperança. *Pulsional – Revista de Psicanálise*. [S.L.]: [s.n.], ano 19, n. 185, p. 98-105, mar 2006, p. 99.

13 *Jornal da Unicamp*, 19-26/12/2005.

14 *Estudos Avançados*, jan-abr de 2005.

15 *Estudos Avançados*, jan-abr de 2005.

16 É o caso das experiências com a alface “Uberlândia dez mil”, que concentra mais de dez mil unidades de vitamina A, e a fruta camu-camu, semelhante à jaboticaba, com alta concentração de vitamina C.

17 Agradecemos aos professores Gilson Goulart e Flávia do Bom Sucesso Teixeira pelo imprescindível apoio na condução dessa entrevista.